

QUE EMPREENDEDORISMO É ESSE? ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE TRABALHO NOS DISCURSOS DO NOVO ENSINO MÉDIO E DAS DIRETRIZES DA EPT

WHAT ENTREPRENEURSHIP IS THIS? ANALYSIS OF CONCEPTIONS OF WORK IN THE NEW HIGH SCHOOL DISCOURSES AND EPT GUIDELINES

¹Lucilene Batista Lopes

²Matusalém de Brito Duarte

¹Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: luci.lopesbh@gmail.com

²Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: matusalém@cefetmg.br

Artigo aceito em 26/05/2024 e publicado em 06/03/2025.

Resumo: A Reforma do Ensino Médio promulgada pela Lei 13.415/2017, implementou uma série de mudanças na educação básica de nível médio nas escolas brasileiras. Muito além de alteração de carga horária e mudanças significativas no currículo a reforma reflete, de forma contundente, as práticas do neoliberalismo inserindo-o no ambiente escolar por meio dos itinerários formativos e dos eixos norteadores, sobretudo o eixo empreendedorismo. Este texto busca fazer uma análise na tentativa de identificar as conexões entre o discurso da reforma e a promoção de uma subjetividade neoliberal na educação. Para tanto, será examinado trechos da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio, destacando o "empreendedorismo" como ponto fundamental para entender como a reforma está moldando uma pedagogia voltada para a adaptação do indivíduo ao ideal do "empreendedor de si mesmo".

Sob este ponto de vista, a reforma do ensino médio não é apenas uma mudança estrutural na educação, mas também uma forma de promover valores e comportamentos alinhados com os princípios do neoliberalismo. Neste contexto, o estudante passa a ser "capacitado" para desenvolver "habilidades e competências" que o permita adaptar-se as diferentes demandas inerentes a um mundo de incertezas e constantes mudanças relacionadas ao mercado de trabalho.

Palavras-chave: Educação; Novo Ensino Médio; Neoliberalismo; Empreendedorismo.

Abstract: The High School Reform promulgated by Law 13,415/2017 implemented a series of changes in the basic education of high school level in Brazilian schools. Far beyond altering workload and making significant changes to the curriculum, the reform strongly reflects neoliberal practices, inserting them into the school environment through formative pathways and guiding axes, especially the entrepreneurship axis. This text seeks to analyze in an attempt to identify the connections between the discourse of the reform and the promotion of a neoliberal subjectivity in education.

To do so, excerpts from the National Common Curricular Base for High School will be examined, highlighting "entrepreneurship" as a key point to understand how the reform is shaping a pedagogy aimed at adapting the individual to the ideal of "self-entrepreneurship".

From this point of view, the high school reform is not just a structural change in education, but also a way to promote values and behaviors aligned with the principles of neoliberalism. In this context, the student becomes "empowered" to develop "skills and competencies" that allow them to adapt to the different demands inherent in a world of uncertainties and constant changes related to the labor market.

Keywords: Education; New High School; Neoliberalism; Entrepreneurship.

1 INTRODUÇÃO

O termo empreendedorismo foi introduzido no vocabulário das escolas de nível médio como um dos quatro eixos estruturantes previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, dentre outras medidas, reestruturou a carga horária do ensino médio estabelecendo 1200 horas para as disciplinas da Formação Geral Básica e 1800 horas para os Itinerários Formativos, que podem ser estruturados com foco em uma área do conhecimento, na formação técnica e profissional ou, também, na mobilização de competências e habilidades de diferentes áreas, compondo itinerários integrados (Brasil, 2018a). A partir das áreas do conhecimento e da formação técnica e profissional, os itinerários formativos devem ser organizados conforme mostra o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – As áreas da formação técnica da BNCC

I - linguagens e suas tecnologias	II - matemática e suas tecnologias	III - ciências da natureza e suas tecnologias	IV - ciências da natureza e suas tecnologias	IV - formação técnica e profissional
 Desenvolvimento de programas educacionais inovadores e atualizados que promovam efetivamente a qualificação profissional dos estudantes para o mundo do trabalho, objetivando sua habilitação profissional tanto para o desenvolvimento de vida e carreira, quanto para adaptar-se às novas condições ocupacionais e às exigências do mundo do trabalho contemporâneo e suas contínuas transformações, em condições de competitividade, produtividade e inovação, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino.				

Elaborado com base em: (Brasil, 2018b). RESOLUÇÃO Nº 3, DE 21 DE NOVEMBRO DE 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Art. 12.

Além disso, o Itinerário Formativo está conectado com os quatro eixos estruturantes - investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural, e empreendedorismo que supõe a mobilização de conhecimentos de diferentes áreas para a formação de organizações com variadas missões voltadas ao desenvolvimento de produtos ou prestação de serviços inovadores com o uso das tecnologias. (BRASIL, 2018c).

Amplamente difundido, sobretudo pela mídia e pelos teóricos e economistas neoliberais, o empreendedorismo chega às escolas como um duplo desafio: para os estudantes é colocado como um novo caminho, uma alternativa, ou porque não dizer, uma solução para resolver diversos infortúnios e dificuldades, dentre as quais a mais desafiadora é a de viver em um mundo sem trabalho. Já para os docentes, o desafio é contribuir para que essa aprendizagem, com foco no empreendedorismo, seja consistente, privilegiando a formação humana e ética dos educandos e cuidando para que o viés neoliberal não seja o principal condutor do processo de ensino e aprendizagem. Este ponto merece atenção, pois devemos considerar que os docentes, especialistas nas disciplinas da Formação Geral Básica, serão os

encarregados de fazer a abordagem do tema empreendedorismo mesmo não tendo sido devidamente capacitados para tal demanda.

De acordo com a Portaria Federal nº1.432, de 28 de dezembro de 2018, que estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme prevêem as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio, o eixo empreendedorismo deve apresentar:

Foco Pedagógico: neste eixo, os estudantes são estimulados a criar empreendimentos pessoais ou produtivos articulados com seus projetos de vida, que fortaleçam a sua atuação como protagonistas da sua própria trajetória. Para tanto, busca desenvolver autonomia, foco e determinação para que consigam planejar e conquistar objetivos pessoais ou criar empreendimentos voltados à geração de renda via oferta de produtos e serviços, com ou sem uso de tecnologias. O processo pressupõe a identificação de potenciais, desafios, interesses e aspirações pessoais; a análise do contexto externo, inclusive em relação ao mundo do trabalho; a elaboração de um projeto pessoal ou produtivo; a realização de ações-piloto para testagem e aprimoramento do projeto elaborado; o desenvolvimento ou aprimoramento do projeto de vida dos estudantes. (BRASIL, 2018b)

Considerando o foco pedagógico proposto para o eixo empreendedorismo apresentado acima, o que vejo é que o professor deverá ser capaz de, dentre tantas outras atribuições, estimular os alunos a criar empreendimentos, realizar seu projeto de vida, ser protagonista de sua trajetória, desenvolver autonomia, foco e determinação. Deve ainda atuar para que os estudantes sejam capazes de planejar e criar empreendimentos voltados para a geração de renda, identificar potenciais, desafios, interesses e aspirações de projetos pessoais ou produtivos e realizar ações piloto de testagem e aprimoramento do projeto elaborado. (BRASIL, 2018b).

Como esperar que os docentes sejam capazes de atender a todas essas demandas pedagógicas do eixo empreendedorismo sem a devida capacitação? Considerando que a implementação do Novo Ensino Médio teve início em 2022, como está sendo realizada a abordagem didática e pedagógica deste eixo, em específico, para que se consiga atingir as orientações do documento e atender as expectativas dos estudantes? A escola possui espaço físico e material que propicie o desenvolvimento deste eixo? Os estudantes têm ou terão auxílio financeiro para prosseguir com o que foi planejado ao longo do ensino médio? Estes são alguns dos muitos questionamentos a serem feitos em relação à efetividade da abordagem do eixo estruturante empreendedorismo no Novo Ensino Médio. A falta de respostas coesas e assertivas deixam uma enorme lacuna e aumenta a incerteza sobre que caminho os jovens irão seguir após a conclusão do ensino médio.

Nesse sentido, este texto tem como objetivo analisar a proposta de ensino do eixo estruturante empreendedorismo, previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como parte integrante da carga horária que integra o Itinerário Formativo e a sua abordagem pelos docentes que atuam nas escolas públicas considerando a prática pedagógica e metodologias relacionadas ao mundo do trabalho e seus impactos para a educação profissional e tecnológica.

A elaboração de uma Base Nacional Comum Curricular estava prevista na Constituição Federal promulgada em 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 e nas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica e no Plano Nacional de Educação (2014-2024). Entretanto, a construção da BNCC só teve início em 2014, sob o governo de Dilma Rousseff. Em 2016, a partir de um momento de crise política e econômica e ascensão de Michel Temer à presidência, em virtude do impeachment de Dilma Rousseff, ganham força as pautas de viés neoliberal em diversos setores, bem como na educação. Dentre essas pautas, podemos mencionar a aprovação da emenda constitucional conhecida como PEC do “Teto de Gastos”, uma das mais emblemáticas desse governo. Essa emenda

estabeleceu um limite para os gastos públicos, incluindo áreas essenciais como saúde e educação, congelando esses investimentos por 20 anos. Seguindo o projeto neoliberal, em 2017 foi promovida uma reforma trabalhista que desregulamentou o mercado de trabalho de várias maneiras, incluindo a introdução do trabalho intermitente, a priorização das negociações diretas entre empresas e trabalhadores em detrimento da legislação trabalhista e o fim do imposto sindical. Neste contexto, a Reforma do Ensino Médio brasileiro, aprovada em 2017, foi moldada sob os princípios do neoliberalismo e reflete o cenário político e econômico conturbado presente naquele momento.

Dentre os diversos motivos que foram utilizados para a efetivação de uma reforma apressada do Ensino Médio estava a necessidade de oferecer aos jovens uma escola mais atrativa, com organização curricular flexível, substituindo um currículo composto por várias disciplinas, que não estimulavam o protagonismo juvenil, e que resultava em elevados índices de evasão devido à falta de identidade do estudante com a escola. De acordo com Gawryszewsk, 2017, a escola se encontra descolada das necessidades contemporâneas, com um ensino excessivamente teórico, atrasado, e, por isso, formaria sujeitos sem o devido preparo para as demandas do mundo atual, resultando nas altas taxas de desemprego e situações de desigualdade social. Já a Fundação Lemann, 2014, reforça a ideia de que a escola é conservadora, atrasada, não prepara, não identifica ou proporciona ao aluno descobrir suas aptidões. (LEMANN, 2014)

Considerando o exposto anteriormente, entendemos que a forma como o ensino médio foi concebido e implementado não foi apenas resultado de um consenso técnico ou pedagógico, mas profundamente influenciado pelos interesses e valores de diferentes grupos sociais. A exemplo disso, podemos perceber que ao mesmo tempo que há grupos empresariais que pressionam por uma ênfase em habilidades técnicas e competências relacionadas ao mercado de trabalho, há também educadores e acadêmicos da área da educação que defendem o predomínio do foco da educação básica em abordagens mais humanista e crítica.

Desta forma, é importante considerar as implicações políticas e ideológicas das políticas educacionais. O debate sobre o ensino médio não é apenas sobre o que é melhor para os estudantes em termos de aprendizado, mas também sobre que tipo de sociedade se quer promover e quais valores se desejam priorizar. Diante disso, a Reforma do Ensino Médio se torna um terreno crucial onde diferentes visões de futuro para o país se confrontam e se negociam.

Esta “nova” reforma reforça a necessidade de incentivar o protagonismo juvenil e a preparação dos estudantes para o mundo do trabalho. Entretanto, essa tendência neoliberal na educação não é uma novidade, pois de acordo com Ana Paula Corti, tanto a reforma de 1998, realizada no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), quanto a de 2017, levada a cabo durante o governo de Michel Temer, estão relacionadas à implantação do projeto neoliberal em curso no Brasil desde os anos de 1990. (CORTI, 2023).

Portanto, a reforma faz parte de um projeto de educação que tem como prioridade a formação dos jovens para um mercado de trabalho impregnado pela lógica da economia neoliberal onde a perda de direitos e o subemprego estão em plena ascensão. Neste ponto, o discurso do empreendedorismo ganha força na reforma do ensino médio como sendo uma solução para um mundo sem trabalho no qual

a valorização do empreendedorismo como característica pessoal se coloca não apenas para aqueles que desejam ou são levados a criar seus próprios empregos, mesmo sem recursos que viabilizem esse passo. Ser empreendedor, para além do “se virar” para ganhar a vida, passa a ser um valor interno do mundo empresarial. Ser empreendedor, assim, assume condição de múltiplos significados: atuar com iniciativa, criatividade e inovação, até a

conversão do trabalhador em pessoa jurídica, e que segue vendendo apenas o seu trabalho. (CORROCHANO 2023, p.145)

Nessa perspectiva, Corrochano destaca a importância de habilidades como a proatividade, a resiliência e a capacidade de se reinventar no contexto atual do mercado de trabalho, onde as relações laborais estão em constante transformação. No entanto, também levanta questões sobre como a valorização do empreendedorismo pode impactar na segurança e nos direitos dos trabalhadores, especialmente quando há uma pressão para que eles se tornem pessoas jurídicas e assumam os riscos e responsabilidades associados à autonomia empresarial.

Esta é uma realidade camuflada pelo discurso da Medida Provisória 746 de 2016, a qual defende que a aprendizagem dos estudantes e a manutenção dos jovens na escola deve ocorrer por meio de uma proposta curricular que contemple as necessidades individuais e que ofereça oportunidades equivalentes as existentes nos principais países do mundo (BRASIL, 2016). Mas será que esse discurso está coerente com a prática? Será que a reforma do ensino médio e a incorporação do empreendedorismo serão capazes de garantir aos estudantes oportunidades similares aos principais países do mundo? Estas são perguntas intrigantes que precisam de respostas para que possamos entender em que caminho estamos seguindo.

2 BREVE HISTÓRICO DO EMPREENDEDORISMO

De forma mais geral, alguns autores defendem a ideia de que não existe consenso em relação ao tema empreendedorismo (BOAVA & MACEDO, 2009; COLBARI, 2007), e que dar início a uma pesquisa sobre o assunto pode ser entendido como semelhante a entrar em “um bazar”, no qual “encontra-se de tudo, para todos” (FILION, 1999). De forma análoga, o rótulo de empreendedor pode constituir um significante vazio. Este termo complexo, sobretudo para a educação básica, pode ainda ser entendido como

uma palavra que pode significar tudo e nada, uma palavra que não tem um significado intrínseco, não tem relação com nenhum dos objetos com os quais é normalmente associada, que remete a vários pontos sem chegar efetivamente a nenhum deles (WALKER, 1989, p. 164).

A palavra “empreendedor” (entrepreneur) tem origem francesa e quer dizer aquele que corre riscos e começa algo novo (DORNELAS, 2001). De acordo com Brito, Pereira e Linard, 2013, “a origem do termo empreendedorismo não é precisa, no entanto, constata-se que desde os primórdios da humanidade existem pessoas que se destacam, inovando suas atividades ou produtos. A essas práticas inovadoras dá-se o nome de empreendedorismo”. O termo, complexo e amplo é definido ainda por diversos outros autores, no Quadro 2 serão apresentadas algumas dessas definições:

A ausência de uma definição precisa e amplamente aceita para o termo empreendedorismo resulta em uma variedade de interpretações e abordagens, que muitas vezes refletem diferentes ideologias e interesses que cria um espectro de ideias em vez de uma delimitação clara e fundamentada. O termo é banalizado por governos, empresas e mídia e se torna condição inevitável para o crescimento econômico e a geração de emprego e renda (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011).

Essa banalização vem sendo utilizada de forma indiscriminada para descrever uma ampla gama de atividades, desde atividades individuais, pequenos negócios locais até grandes empreendimentos corporativos. O empreendedorismo, como esta posto, está cada vez mais sendo visto como uma condição inevitável para o crescimento econômico e a criação de oportunidades de trabalho, o que, porém, pode gerar pressões adicionais sobre os indivíduos e

as comunidades para se envolverem em atividades empreendedoras, independentemente da sua aptidão, condições e dos recursos disponíveis.

Quadro 2: Principais definições sobre o que é o empreendedorismo.

AUTOR	DEFINIÇÃO
Cole (1968) apud Kaufman e Dant (1998, p. 8).	Empreendedorismo é a atividade proposta de iniciar, manter e desenvolver um negócio voltado ao lucro .
Amit; Glostein e Muller (1993) apud Kaufman e Dant (1998, p. 8).	Empreendedorismo é o processo de extrair lucros de uma combinação nova, única e valiosa combinação de recursos em um ambiente incerto e ambíguo.
Dornelas (2005, p. 39).	Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades .
Chiavenato (2012, p. 17).	Empreendedor é a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo risco e responsabilidade e inovando continuamente
Baggio e Baggio (2014, p. 24).	O empreendedorismo traduz-se num conjunto de práticas capazes de garantir a geração de riqueza e uma melhor performance àquelas sociedades que o apoiam e o praticam.
Costa e Furtado (2016, p. 28).	O empreendedorismo é fundamental para o bom funcionamento da economia como um todo; o empreendedor de sucesso gera emprego, renda, movimentando o processo de mercado .
Picanço e Periotto (2017, p. 7).	Empreendedorismo é a disposição para identificar problemas e oportunidades e investir recursos e competências na criação de um negócio , projeto ou movimento que seja capaz de alavancar mudanças e gerar um impacto positivo.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos autores citados no quadro. (grifos da autora)

Segundo Dornelas (2001), o empreendedorismo no Brasil começou a se formar, mais especificamente na década de 1990, a partir do momento em que entidades como SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas. De acordo com o SEBRAE o termo empreendedorismo é amplo, o pode ser entendido como o processo de identificar, desenvolver e realizar oportunidades de negócios. Um empreendedor é alguém que possui uma ideia, visão ou inovação e está disposto a assumir os riscos necessários para transformá-la em um empreendimento lucrativo ou socialmente impactante. (SEBRAE, 2020).

Ainda de acordo com o SEBRAE o empreendedorismo envolve uma série de atividades elencadas em diferentes tipos as quais foram listadas no Quadro 3 a seguir:

Diante das diversas possibilidades de atividades e tipos de empreendedorismo, qual seria o perfil do empreendedor? De acordo com o economista, cientista político e teórico social austríaco Joseph Schumpeter, conhecido por suas contribuições para a teoria econômica, especialmente em áreas como empreendedorismo, ciclos econômicos e inovação, o empreendedor é um sujeito inovador que impulsiona o desenvolvimento econômico e social por intermédio da reforma ou da revolução nos padrões de produção (COSTA, BARROS, CARVALHO, 2011, p. 186).

Quadro 3: Tipos de empreendedorismo segundo o SEBRAE

TIPO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE
Empreendedorismo individual	Esse tipo começou a ganhar força quando foi criada a legislação que permitiu o surgimento da figura do Microempreendedor Individual (MEI).
Empreendedorismo informal	é aquele que tem um negócio que não é registrado nos órgãos competentes. Estima-se que o Brasil tenha, aproximadamente, 40% de pessoas trabalhando na informalidade.
Empreendedorismo de franquias	pode ser conceituado como a possibilidade de utilização de marca e comercialização de produtos ou serviços de uma empresa já consagrada no mercado.
Empreendedorismo corporativo	está relacionado a pessoas que já atuam em uma empresa como funcionários e criam projetos alternativos a partir de novas oportunidades dentro do mesmo estabelecimento.
Empreendedorismo social	nesse caso, o objetivo não é a lucratividade da empresa, mas como ela pode beneficiar as pessoas por meio de projetos de apoio. O empreendedorismo social é muito explorado por aquelas pessoas que sentem o desejo de fazer algo pelas outras.
Empreendedorismo digital	por meio do empreendedorismo digital, praticamente tudo pode ser comercializado. Começamos a testemunhar o crescimento brutal de empresas de e-commerce transformando-se em grandes conglomerados empresariais e, até mesmo, a venda de serviços presenciais por meio da internet.
Empreendedorismo público	é um formato que tem como objetivo a atuação no setor governamental. Basicamente, são negócios que desenvolvem soluções para tornar o meio público cada vez mais eficiente e, principalmente, transparente.
Empreendedorismo ambiental	tem como foco criar tecnologias e processos sustentáveis que garantam a proteção e a perpetuidade do meio ambiente. Assim como ocorre no empreendedorismo social, o foco desse tipo não está no lucro, mas na preservação do nosso ecossistema.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de SEBRAE, 2020.

A contribuição de Schumpeter foi fundamental para moldar a compreensão contemporânea do empreendedorismo, enfatizando não apenas a criação de novos negócios, mas também a introdução de inovações que transformam os padrões existentes de produção e organização econômica. No entanto, também aponta para a evolução das ideias em torno da figura do empreendedor ao longo do tempo que anteriormente era vista como uma característica rara de indivíduos com habilidades excepcionais, para tornar-se alguém com uma postura amplamente exigida a todas as pessoas.

Essa mudança reflete uma transformação na percepção do empreendedorismo, que deixou de ser associado apenas à criação de novos empreendimentos para englobar uma mentalidade e um conjunto de habilidades valorizadas em diversos contextos sociais e profissionais. Hoje, a capacidade de pensar de forma inovadora, identificar oportunidades e assumir riscos é considerada essencial não apenas para empresários, mas também para profissionais em diversas áreas e para o desenvolvimento econômico e social como um todo, tendo ou não aptidão para tal façanha. De acordo com Dornelas, 2001:

os empreendedores são pessoas diferenciadas, que possuem motivação singular, apaixonadas pelo que fazem, não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado. (DORNELAS 2001, P.19).

E de acordo com Dolabela 1999, o empreendedor é alguém que acredita que pode colocar a sorte a seu favor; por entender que ela é produto do trabalho duro (DOLABELA

1999, p.44). Utilizando as definições de Dolabela acerca das características dos empreendedores, foi elaborado o Quadro 4, que elenca alguns dos traços essenciais às pessoas empreendedoras:

Quadro 4: Características comuns aos empreendedores.

CARACTERÍSTICAS COMUNS AS PESSOAS EMPREENDEDORAS
Tem um “modelo”, uma pessoa que o influencia.
Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização.
Trabalha sozinho. O processo visionário é individual.
Tem perseverança e tenacidade para vencer obstáculos.
Considera o fracasso um resultado como outro qualquer, pois aprende com os próprios erros.
Sabe fixar metas e alcança-las; luta contra padrões impostos, diferencia-se.
É capaz de se dedicar intensamente ao trabalho e concentra esforços para alcançar resultados.
Tem forte intuição: como no esporte, o que importa não é o que se sabe, mas o que se faz.
Tem sempre alto comprometimento; crê no que faz.
Cria situações para obter feedback sobre seu comportamento e sabe utilizar tais informações para o seu aprimoramento.
Sabe buscar, utilizar e controlar recursos.
É um sonhador realista: é racional, mas usa também a parte direita do cérebro.
Cria um sistema próprio de relações com os empregados. É comparado a um “líder de banda”, que dá liberdade a todos os músicos, mas consegue transformar o conjunto em algo harmônico, seguindo um objetivo.
Define o que aprender (a partir do não-definido) para realizar suas visões. É pró-ativo: define o que quer e onde quer chegar; depois, busca o conhecimento que para atingir o objetivo.
Cria um método próprio de aprendizagem: aprende a partir do que faz; emoção e afeto são determinantes para explicar o seu interesse. Aprende indefinidamente.
Tem alto grau de “internalidade”, que significa a capacidade de influenciar as pessoas com as quais lida e a crença de que conseguirá provocar mudanças nos sistemas em que atua.
Assume riscos moderados: gosta do risco, mas faz tudo para minimiza-lo. É inovador e criativo. (Inovação é relacionada ao produto. É diferente da invenção, que pode não dar conseqüência a um produto).
Tem alta tolerância à ambigüidade e à incerteza.

Fonte: elaborado pela autora a partir de Dolabela, 1999.

Diante do exposto anteriormente, percebe-se a complexidade do tema empreendedorismo e a evidente necessidade do indivíduo possuir certa aptidão ou mesmo interesse em relação ao tema para se desenvolver atividades consideradas empreendedoras. Logo, seria correto apostar na ideia de que todos querem e/ou podem empreender? Que tipo de empreendedores queremos e podemos formar considerando, como já foi dito anteriormente, a falta de profissionais que tenham domínio técnico e pedagógico sobre um tema tão complexo? Com qual/quais recursos os jovens das escolas públicas, em sua maioria sem moratória social e oriunda de famílias de baixa renda, disporão para colocar em prática seus projetos empreendedores? Seria o “protagonismo juvenil” suficiente para que os estudantes possam alcançar o sucesso como empreendedor?

Seria irresponsável e porque não dizer desumano, que o aprender a empreender durante os anos finais da educação básica se tornasse uma estratégia de sobrevivência ou incentivo para que os jovens das classes sociais menos favorecidas optassem pelo ingresso no mercado de trabalho, exercendo atividades laborais em condições precárias, impulsionados pela ideia de independência financeira. Mercado no qual, segundo Dardot e Laval, cada participante tenta superar o outro numa luta incessante para tornar-se líder e como tal permanecer, (DARDOT & LAVAL, 2016), onde de acordo com Silva e Bassini, transfere-se

para o sujeito a responsabilidade sobre sua vida, sua carreira, sua empregabilidade e seu bem-estar (SILVA & BASSINI, 2007). Desta forma, podemos inferir que

o empreendedorismo é posto como solução para as mazelas próprias das relações sociais de produção capitalistas, mas são as próprias relações sociais de produção capitalistas que fazem do empreendedorismo não apenas uma dimensão da capacidade inventiva do ser humano, mas uma necessidade aos milhões de desempregados e desalentados da classe trabalhadora, que precisam recorrer a ações de riscos e incertezas, a fim de começar um empreendimento próprio ou de estar subordinado a plataformas de trabalho que intermediam a realização de suas ocupações, sob o mote da liberdade de escolha. (RUFINO, CASTRO, 2023, p. 25).

Enquanto o empreendedorismo é frequentemente promovido como uma solução para o desemprego e como uma expressão da criatividade e liberdade individual, ele também é influenciado e moldado pelas condições econômicas e sociais em que opera, dentre as quais se destacam:

1 - Resposta ao Desemprego e Desalentamento: nas economias capitalistas, onde o desemprego e o desalentamento são realidades para muitos, o empreendedorismo muitas vezes surge como uma resposta à falta de oportunidades de emprego tradicionais. Muitos indivíduos se voltam para o empreendedorismo como uma alternativa para gerar renda e sustentar-se financeiramente.

2 - Necessidade de Subsistência: para muitos trabalhadores, o empreendedorismo não é apenas uma expressão de liberdade de escolha, mas sim uma necessidade para garantir a própria subsistência e a de suas famílias. Eles podem se tornar empreendedores por falta de outras opções viáveis de trabalho ou por necessidade de flexibilidade para equilibrar trabalho e outras responsabilidades.

3 - Intermediação por Plataformas Digitais: o surgimento das plataformas de trabalho digital cria novas formas de empreendedorismo, onde os trabalhadores são incentivados a se tornarem "empreendedores independentes" ao invés de empregados tradicionais. No entanto, essa aparente liberdade de escolha muitas vezes vem com desafios como a falta de proteção trabalhista e instabilidade de renda.

4 - Influência das Estruturas Socioeconômicas: as estruturas socioeconômicas, incluindo políticas governamentais, acesso a recursos financeiros, educação e redes sociais, desempenham um papel significativo na capacidade das pessoas de se envolverem no empreendedorismo. Por exemplo, aqueles com acesso limitado a capital inicial ou educação empreendedora podem enfrentar barreiras significativas ao iniciar um negócio.

Portanto, enquanto o empreendedorismo pode ser uma expressão da capacidade inventiva humana e da busca pela liberdade individual, sua dinâmica dentro das relações de produção capitalistas é complexa e multifacetada, muitas vezes refletindo as necessidades e desafios enfrentados pelos indivíduos dentro dessas estruturas.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS/MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando os diversos cenários e possibilidades que englobam esta pesquisa, ela será desenvolvida de acordo com a abordagem qualitativa que segundo Tuzzo e Braga, se caracteriza como aquela que

oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas,

na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. (TUZZO; BRAGA, 2016, p.142).

Desta forma, considerando a abordagem qualitativa, será realizada uma pesquisa bibliográfica e uma análise documental acerca do tema empreendedorismo e sua inserção na educação, principalmente no ensino médio. Será considerando como ponto focal da pesquisa, o que foi apresentado como proposta de ensino e aprendizagem do tema pela reforma do ensino médio.

Apesar de se tratar de metodologias similares, vale destacar que a pesquisa bibliográfica e a análise documental se distinguem, principalmente em relação à fonte dos dados obtidos na pesquisa. De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani

a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. (SÁ-SILVA, ALMEIDA e GUINDANI, 2009, p. 6)

Neste aspecto, uma parte desta pesquisa visa realizar uma análise bibliográfica para conhecer a origem do termo empreendedorismo e seus principais conceitos e definições. Ao mesmo tempo, busca entender como tem sido a sua incorporação na educação básica por meio da análise de documentos que formalizaram a reforma do ensino médio e o ensino do empreendedorismo como eixo estruturante.

As duas etapas da metodologia, pesquisa bibliográfica e análise documental, se complementam. Na primeira serão apresentados os conceitos, definições, bem com a relação do tema com o mundo do trabalho, a economia neoliberal e a formação do capital humano. Esse será o suporte para uma análise crítica e detalhada dos documentos que compõem a segunda parte da metodologia, com a finalidade de elucidar e explicitar o que se espera do ensino do empreendedorismo na educação básica. Considerando, sobretudo, a diversidade e a realidade dos jovens matriculados nas escolas públicas e seus desafios frente às constantes mudanças relacionadas ao mundo do trabalho e a economia neoliberal para o qual serão apresentados ao concluir o ensino médio. Serão primordiais para análise nesta pesquisa os seguintes documentos:

Resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021 - Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica.

Portaria 1432 de 28 de dezembro de 2018 - Estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme preveem as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio

Projeto Pedagógico para Reestruturação do Curso Técnico em Informática- CEFET-MG/Campus Belo Horizonte – ementa da Disciplina de Empreendedorismo

Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

A análise destes documentos leva a um questionamento em comum que deve ser feito a todos eles que é acerca do que de fato será ensinado, o que se pretende e como será verificada a aprendizagem dos estudantes sobre o tema empreendedorismo.

4 EMPREENDEDORISMO NO NOVO ENSINO MÉDIO SOB A ÓTICA DO NEOLIBERALISMO: OPORTUNIDADE OU PERVERSIDADE?

De acordo com a Portaria Federal nº 1.432, de 28 de dezembro de 2018, que estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme prevêem as

Diretrizes Nacionais do Ensino Médio, o eixo empreendedorismo tem como justificativa desenvolver habilidades para que os estudantes possam

participar de uma sociedade cada vez mais marcada pela incerteza, volatilidade e mudança permanente, os estudantes precisam se apropriar cada vez mais de conhecimentos e habilidades que os permitam se adaptar a diferentes contextos e criar novas oportunidades para si e para os demais. (BRASIL, 2018b, p. 04).

Este trecho ressalta a importância de os estudantes adquirirem conhecimentos e habilidades que não apenas os preparem para enfrentar os desafios presentes, mas também os capacitem a prosperar em um ambiente caracterizado pela incerteza e mudança constante. Ou seja, os jovens devem ser capazes de se adaptar a contextos variáveis, estar em constante aprendizagem, contribuir para a sociedade e comunidade local. Também devem desenvolver habilidades sociais e emocionais como colaboração, empatia e resiliência e criar oportunidades assumindo um papel proativo na criação de oportunidades para si e para os outros. Isso implica em desenvolver habilidades empreendedoras, pensamento crítico e visão de futuro, permitindo que identifiquem e aproveitem oportunidades de maneira eficaz. De acordo com Fillion (apud Dolabela, 1999), os empreendedores podem ser voluntários (que têm motivação para empreender) ou involuntários (que são forçados a empreender por motivos alheios à sua vontade: desemprego, imigrantes, etc.). De acordo com Castro, 2023

ter o empreendedorismo como eixo estruturante dos Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio implica em buscar efetivar sua onipresença, a fim de absorver e capturar a subjetividade de uma juventude cada vez mais desesperançada. É um processo de formação mental e emocional do futuro da classe trabalhadora, que, desde os bancos da escola, deve se acostumar a uma lógica de precarização, individualismo e auto culpabilização, dissimulados na forma de competências socioemocionais, projetos de vida e empreendedorismo. (RUFINO CASTRO, 2023, p. 24).

Logo, colocar o empreendedorismo como um elemento central nos itinerários formativos do Novo Ensino Médio aponta para o objetivo de promover sua presença em todas as áreas da vida dos jovens, buscando influenciar sua maneira de pensar e sentir. Isso é visto como uma tentativa de lidar com a falta de esperança cada vez mais presente na juventude. Esse processo visa moldar a mentalidade e as emoções dos futuros trabalhadores, desde os primeiros anos escolares, para se adaptarem a uma realidade marcada pela precariedade, individualismo e auto responsabilidade, muitas vezes disfarçadas sob o discurso de competências socioemocionais, planejamento de vida e empreendedorismo.

A especificidade da forma de regulação do neoliberalismo é a homogeneização da figura dos sujeitos em torno da empresa, na construção de um sujeito neoliberal “empreendedor de si mesmo”. Segundo Dardot e Laval (2016, p. 328), esta é uma característica fundamental do neoliberalismo: a transformação do sujeito em empreendedor. No contexto neoliberal, o indivíduo é incentivado a se ver e a agir como uma empresa, gerenciando sua vida pessoal e profissional como um negócio. Essa ideologia promove a responsabilidade individual e a autonomia, ao mesmo tempo em que enfatiza a competição e a busca pelo sucesso individual. O indivíduo é instado a assumir o controle de sua própria vida, buscando oportunidades de mercado e maximizando seu potencial de ganhos. Essa lógica neoliberal se reflete em várias esferas da vida, incluindo o trabalho, a educação e até mesmo a esfera pessoal.

No mundo do trabalho, por exemplo, os trabalhadores são incentivados a serem flexíveis, adaptáveis e a assumir riscos, muitas vezes em detrimento da estabilidade e segurança tradicionais. Já na educação, vemos a ênfase crescente em competências empreendedoras, como criatividade, inovação e resolução de problemas, em detrimento de uma educação mais humanística e crítica. A homogeneização dos sujeitos reflete a influência

do neoliberalismo na construção das identidades individuais e coletivas, moldando a forma como as pessoas se vêem e se relacionam com o mundo ao seu redor. Essa transformação do sujeito empreendedor de si mesmo é uma das características mais distintivas e impactantes do neoliberalismo contemporâneo:

se a noção de capital humano que expressava um reducionismo de sociedade, ser humano, e educação subordinando-os ao mercado, mas que ainda tinha a sociedade e integração ao emprego como horizonte, as novas noções expressam uma perspectiva desintegradora, jogando no indivíduo isolado e desprovido de proteção social e da organização sindical, a responsabilidade por seu destino (FRIGOTTO, 2011, p.28).

Frigotto argumenta que as novas noções de capital humano refletem uma perspectiva desintegradora e individualista. Nessa nova abordagem, o foco é colocado no indivíduo isolado, como se ele fosse uma empresa em si mesmo, responsável por gerir sua própria "marca" e maximizar seu valor no mercado. Essa perspectiva desloca a responsabilidade pelo destino do indivíduo para ele próprio, retirando o peso das questões sociais e estruturais que influenciam as oportunidades de emprego e o acesso à proteção social. Além disso, ela tende a minimizar o papel das organizações sindicais e outras formas de representação coletiva dos trabalhadores, enfraquecendo sua capacidade de negociar em igualdade de condições com os empregadores.

Essa mudança de perspectiva pode ter várias consequências negativas, incluindo o aumento da desigualdade, a perda de direitos trabalhistas e uma maior vulnerabilidade dos trabalhadores às flutuações do mercado. Portanto, é importante questionar e resistir a essa visão desintegradora do capital humano, defendendo uma abordagem mais holística que reconheça o papel da sociedade e das instituições sociais na promoção do bem-estar e da justiça social. Além disso, esta lógica revela no ambiente escolar uma contradição: a educação inclusiva, colaborativa e humana sendo ultrajada pela competição e individualismo clássico da sociedade neoliberal. Neste sentido

cabe perguntar em que medida os entusiastas do Novo Ensino Médio não contemplam a persistência da dualidade no sistema educacional brasileiro, entre a escola para quem há de gerenciar os diversos segmentos sociais e a escola para quem fica o encargo da execução de ordens; a escola para as elites e a escola para as classes subalternas; a escola para os ricos e a escola para os pobres. SEGAL, 2022, p. 12.

Embora haja uma intenção declarada de promover a igualdade de oportunidades e a equidade no acesso à educação, é necessário examinar até que ponto as políticas educacionais realmente abordam e enfrentam a persistência da dualidade no sistema educacional brasileiro. A dualidade educacional é uma realidade histórica marcante que reflete as desigualdades sociais e econômicas do país. Existem escolas de qualidade variada, com recursos diferentes, e que muitas vezes reproduzem e perpetuam as desigualdades sociais ao invés de combatê-las.

Ao implementar o Novo Ensino Médio, os entusiastas desse modelo precisam considerar se as mudanças propostas combatem efetivamente essa dualidade. Isso envolve garantir que todas as escolas, independentemente de sua localização ou público, tenham acesso a recursos adequados, professores qualificados e uma estrutura curricular que promova o desenvolvimento integral dos estudantes.

Além disso, é fundamental questionar se o Novo Ensino Médio está realmente desafiando as estruturas de poder e as hierarquias sociais que perpetuam a dualidade educacional. Isso significa promover uma educação que seja crítica, inclusiva e sensível às necessidades e realidades dos alunos, especialmente daqueles que historicamente foram marginalizados ou excluídos do sistema educacional.

Entretanto, o lado perverso do eixo empreendedorismo, estabelecido pela Reforma do Ensino Médio nas escolas, não pode ser um estímulo para que os estudantes de baixa renda não vislumbrem a continuidade dos estudos em nível técnico ou superior. De acordo com Ramos e Frigotto:

a reforma pelo teor de um ensino médio de conhecimentos mínimos, restringe as escolhas de acesso ao ensino superior. Ao contrário de facilitar a entrada no mercado de trabalho condena a maioria dos jovens da classe trabalhadora, empregado ou não, ao trabalho simples de pouco valor econômico. (RAMOS & FRIGOTTO, 2017, p.42).

E tampouco pode servir aos interesses neoliberais, abastecendo o mercado de trabalhadores informais exercendo atividades de baixa remuneração. A restrição das escolhas de acesso ao ensino superior pode ocorrer devido à ênfase na flexibilização curricular, que muitas vezes privilegia determinadas áreas de conhecimento em detrimento de outras. Isso pode limitar as oportunidades de formação e desenvolvimento para os estudantes, especialmente aqueles que desejam seguir carreiras acadêmicas ou profissionais que exigem uma base mais ampla de conhecimentos.

Portanto, ao avaliar o Novo Ensino Médio, é essencial considerar não apenas suas intenções declaradas, que vislumbram um mundo de oportunidades a serem construídas pelos jovens ao longo do seu percurso na educação básica. Mas também suas práticas e impactos reais no combate à dualidade educacional e na promoção da igualdade de oportunidades para todos os estudantes.

5 CONCLUSÕES

O eixo empreendedorismo pode contribuir positivamente para a formação dos estudantes se for apresentado como uma possibilidade para os jovens que tem interesse em seguir por este caminho de forma espontânea. O mesmo, não deve representar um mecanismo de pressão para que os jovens empreendam levados puramente pela necessidade de gerar renda em um mundo sem trabalho. E em ambos os casos as discussões acerca do tema devem contribuir para suscitar a reflexão e a análise crítica sobre o que é o empreendedorismo e o que ele representa, considerando o atual cenário do mundo do trabalho e economia neoliberal.

O empreendedorismo pode ter um papel relevante no currículo escolar, mas é importante abordá-lo de forma crítica e contextualizada, reconhecendo seus limites e desafios, e garantindo que a educação permaneça centrada no desenvolvimento integral dos estudantes e na promoção do bem comum.

O ensino do eixo empreendedorismo no Ensino Médio, antes de uma imposição marcadamente neoliberal, deveria ser um espaço no qual os jovens irão debater e descobrir suas aptidões para que se sintam seguros e conscientes das suas decisões. Para que tenham a clareza de que empreender deve ser visto como uma opção, e não como o único caminho que os levará para um futuro de sucesso e independência financeira.

Considerando o que foi previsto na Base Nacional Comum Curricular e a aprovação da Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, que estabelece, entre outras alterações, o aumento da carga horária e a flexibilização do currículo escolar, foi destinada uma carga horária específica para os Itinerários Formativos. Esses itinerários trazem como possibilidade a oferta de novas e variadas disciplinas como forma de garantir ao jovem do século XXI um ensino de qualidade e que esteja coerente com as demandas contemporâneas e expectativas das juventudes (BRASIL, 2017). Dentro deste leque de possibilidades o empreendedorismo pode apresentar uma alternativa ao jovem que, durante o ensino médio realizará, sob a orientação dos professores, o seu projeto de vida.

A reforma do ensino médio, ao enfatizar um currículo com conhecimentos básicos, limita as opções de acesso ao ensino superior. Em vez de facilitar a transição para o mercado de trabalho, ela coloca a maioria dos jovens da classe trabalhadora, quer estejam empregados ou não, em empregos simples e de baixo valor econômico.

Além disso, ao focar em competências técnicas específicas em detrimento de uma formação mais abrangente, a reforma do ensino médio pode contribuir para a perpetuação da desigualdade social, ao empurrar os jovens da classe trabalhadora para trabalhos de baixa remuneração e pouco valor econômico. Isso pode resultar em uma falta de mobilidade social e oportunidades de ascensão profissional para esses jovens. Parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses. As conclusões devem ser breves, recapitulando, sinteticamente, os resultados da pesquisa realizada. Nem sempre se trata de resposta final a um problema. Assim, é possível apresentar novas propostas de pesquisas em torno do tema estudado.

REFERÊNCIAS

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: conceitos e definições. Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia, Passo Fundo – RS, v.1, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 2014. Semestral. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistas/article/viewFile/612/522>. Acesso em: 11 set. 2018.

BOAVA, D., & MACEDO, F. (2009, setembro). Sentido axiológico do empreendedorismo. Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, São Paulo, SP, Brasil, 33.

BRASIL. Medida Provisória Nº 746, de 22 de setembro de 2016. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 23 set. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/mpv/mpv746.htm. Acesso em maio de 2024.

BRASIL, Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-lei n.º 5.452, de 1.º de maio de 1943, e o Decreto-lei n.º 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei n.º 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/13415.htm. Acesso em maio de 2024.

BRASIL, Base Nacional comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em maio de 2024.

BRASIL. Portaria n 1.432, de 28 de dezembro de 2018b. Diário Oficial da União Estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme preveem as Diretrizes

Nacionais do Ensino Médio. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/70268199. Acesso em maio de 2024.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018c. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN32018.pdf. Acesso em maio de 2024.

BRITO, Andréia Matos; PEREIRA, Pedro Silvino; LINARD, Ângela Patrícia. Empreendedorismo. 2013. Disponível em: http://estudio01.proj.ufsm.br/cadernos/ifce/tecnico_edificacoes/empreendedorismo.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo. Dando asas ao espírito empreendedor. 4. ed. São Paulo: Manole, 2012. Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=ONs9CQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=empreendedorismo&ots=bYCJto9DsT&sig=83t63kgCHjQahG0TzB3KGttCzUg#v=onepage&q=empreendedorismo&f=true>. Acesso em maio 2024.

COLBARI, A. L. (2007). A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, 1(1), 75-111.

CORTI, Ana Paula; CÁSSIO, Fernando; STOCO, Sérgio (orgs). Escola pública: práticas e pesquisas em educação. Santo André, SP: Editora UFABC, 2023.

COSTA, Alessandra. M.; BARROS, Denise. F.; CARVALHO, José L. F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. RAC, v. 15, n. 2, p. 179-197, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200002>. Acesso em: 14 set. 2022.

COSTA, Robson Antônio Tavares; FURTADO, CarliBrigith Reis Araújo. Empreendedorismo: características, habilidades e competências. 2016. Disponível em: http://files.comunidades.net/robsontavares/2caracteristica_empreendedora_ou_habilidades_e_competencias_empreendedoras.pdf. Acesso em maio 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016 [2009].

DOLABELA, Fernando. Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

FIALHO, Francisco Antônio Pereira et al. Empreendedorismo na Era do conhecimento. Florianópolis: Visual Books, 2007.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28, abr./jun. 1999. Trimestral. Disponível em:

<https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/getec/article/view/1610/1074>. Acesso em: maio de 2024.

FILION, L. (1999). O empreendedorismo como tema de estudos superiores. Palestra proferida no Seminário A Universidade Formando Empreendedores, Brasília, DF, Brasil.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Novos fetiches mercantis da pseudoteoria do capital humano no contexto do capitalismo tardio. In; ANDRADE, Juarez de e PAIVA, Lauriana G. de (orgs.). As políticas públicas para a educação no Brasil contemporâneo: limites e contradições. Juiz de Fora: Ed. UFJF, p. 18-36, 2011.

GAWRYSZEWSKI, B. Crises capitalistas e conjuntura de contrarreformas: qual o lugar do Ensino Médio? Revista Pedagógica, Chapecó, v. 19, n. 42, p. 83-106, set./dez. 2017.

GRECO, Simara M. S. et al. Empreendedorismo no Brasil: 2010. Curitiba: IBQP, 2010.

KAUFMAN, Patrick J.; DANT, Rajiv P. Franchising and the domain of entrepreneurship research. 1998. Disponível em: <https://cemi.com.au/sites/all/publications/kaufman%20and%20dant%201999.pdf>. Acesso em maio 2024.

LEMANN, Fundação. Projeto de Vida: relatório técnico. São Paulo, 2014.

Walker, R. (1989). Marxism-Leninism as discourse: the politics of the empty signifier and the double bind. British Journal of Political Science, 19(2), 161-189. doi: 10.1017/S0007123400005421

PICANÇO, Fabiana Cristina de Azevedo; PERIOTTO, Tânia Regina Corredato. Empreendedorismo e inovação. Maringá: Cesumar, 2017. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/empresarial/wpcontent/uploads/sites/31/2017/11/Empreendedorismo-e-Inovacao-09-11-2017.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

POMBO, Rodolfo Menezes; MARIANO, Sandra Regina Holanda; MOREIRA, Robson Cunha. ISSN 1982-2596 RPCA | Rio de Janeiro | v. 18 | Edição Especial | 2024 41 + A

RUFINO CASTRO, M.; GAWRYSZEWSKI, B.; AZEVEDO DIAS, C. A ideologia do empreendedorismo na Reforma do Ensino Médio Brasileiro. Revista Trabalho Necessário, v. 20, n. 42, p. 01-25, 22 jul. 2022.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

SCHUMPETER, Joseph. A teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SCHUMPETER, Joseph. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SEGAL, Robert Lee. “Novo Ensino Médio” Como Persistência Das Desigualdades Educacionais? Educação em Foco, [S. l.], v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: Acesso em: maio 2024.

SILVA, L. F., & BASSANI, C. L. (2007). Evolucionismo: a face oculta do empreendedorismo. *Brazilian Business Review*, 4(1), 60-73.

TUZZO, S. A.; BRAGA C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, SP, v.4, n.5, p. 140-158, ago., 2016.

[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/63cdc73f5ebc00b12907b8c6c8093a4c/\\$File/30745.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/63cdc73f5ebc00b12907b8c6c8093a4c/$File/30745.pdf)